

O JOGO NA ESCRITA: A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Elizabeth Guzzo de Almeida*

RESUMO:

Este ensaio visa assegurar um espaço específico para a reflexão sobre a escrita de crianças e de adolescentes. Considerando os elementos lúdicos como de intensa relevância no universo infantil e juvenil e levando-se em conta proposições de Roland Barthes sobre o jogo da leitura e da escrita e, sobretudo, sobre a "encenação" da linguagem, os textos serão analisados tendo em vista o jogo na escrita.

PALAVRAS-CHAVE: *criança, adolescente, jogo, literatura, escrita, leitura.*

No quintal a gente gostava de brincar com palavras
mais do que de bicicleta.
Principalmente porque ninguém possuía bicicleta.
A gente brincava de palavras descomparadas. Tipo assim:
O céu tem três letras
O sol tem três letras
O inseto é maior.
O que parecia um despropósito
Para nós não era despropósito.
Porque o inseto tem seis letras e o sol só tem três
Logo o inseto é maior. (Aqui não entrava a lógica?). [...]

Manoel de Barros

ITINERÁRIO DA PESQUISA

Este trabalho possui como antecedente uma experiência iniciada em 1997, na Faculdade de Letras da UFMG, quando passei a integrar o projeto de pesquisa e extensão *Escrevendo a leitura*, sob a coordenação da professora Ana Maria Clark Peres. Essa pesquisa, que era também uma atividade de extensão, vinculava-se a um

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Brasileira), 2003.

projeto mais amplo, o *Projeto Guanabara*, coordenado pela professora Ana Cláudia Porfírio Couto, da Escola de Educação Física da UFMG. Resultado de uma parceria entre a UFMG, o Instituto Ayrton Senna e a Audi Automóveis, o projeto em questão partia de uma proposta multidisciplinar, buscando a interação de várias áreas de conhecimento, tais como: Letras, Educação Física, Psicologia, Medicina, Pedagogia, Arte e Educação.

Concentradas na Escola Municipal Maria Mourici Granieri, no bairro Guanabara, em Betim, as atividades do projeto eram desenvolvidas com a participação de, aproximadamente, 200 crianças e adolescentes de 07 a 14 anos, no período extra-escolar.

Sendo assim, é importante resgatarmos alguns dos pressupostos teóricos que fundamentaram o referido projeto, e que também compuseram o referencial para este trabalho. Como ponto de partida para a pesquisa, constituem as reflexões de Roland Barthes sobre a leitura e a escrita, explicitadas particularmente no ensaio "Escrever a leitura", publicado em 1970, no qual o autor aponta uma relação indissociável entre os atos de ler e escrever. Também em *S/Z*, da mesma época, obra que dialoga com *Sarrasine*, de Balzac, Barthes faz uma distinção entre textos "legíveis" e textos "escrevíveis". Os últimos provocariam uma nova "escritura", seriam aqueles textos que nos "pedem" para produzir algo sobre eles.

Nesse sentido, é bom retomarmos a indagação de Barthes que se encontra em "Escrever a leitura":

Nunca aconteceu-lhe, ao ler um livro, interromper com freqüência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário por afluxo de idéias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu *ler levantando a cabeça*? É essa leitura, ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois a ele volta e dele se nutre, que tentei escrever. (Barthes, 1988:40)

Retornando ao projeto *Escrevendo a leitura*, pode-se afirmar que ele também baseava-se na idéia de que a leitura é formada a partir de "associações," de "afluxos de idéias", e que ela "é condutora do Desejo de escrever". Procurávamos, assim, proporcionar "atividades de leitura recreativas e recriativas – intimamente vinculadas à escrita [e também] [...] verificar que *leituras* podem ser feitas a partir de obras variadas, não necessariamente 'infanto-juvenis'. (Peres, 1997:2)

Devido ao grande número de produções das crianças e dos adolescentes (aproximadamente 1100), realizadas entre setembro de 1997 a julho de 1999, período de duração do projeto *Escrevendo a leitura*, é que me propus dar continuidade à primeira investigação, ampliando-a e analisando as produções infantis e juvenis, tendo em vista *o jogo na escrita*.

Os versos iniciais do poema intitulado "Brincadeiras", de Manoel de Barros, que servem de epígrafe desta reflexão, resgatam, através das memórias inventadas, a infância e manifestam a capacidade de imaginar e fantasiar da criança, através de seus jogos simbólicos com as palavras. Sabe-se que, no universo infantil, o jogo ou o brincar é a função favorita e mais intensa da criança. Desse modo, essa atividade exerce um papel de grande valor em sua vida cotidiana: transformar a cama em um grande bote para navegar em águas de fantasia ou converter papéis em aviões e voar pelos ares da imaginação são, freqüentemente, atividades "sérias" para a criança. Acrescento que o jogo perpassa não só a infância, mas também a adolescência, quando a atividade lúdica aparece centrada, principalmente, na busca de identidade e em jogos que envolvem o drama e o prazer. Diversos jogos infantis continuam nessa fase, como os que se jogam com bola, já outros são postos de lado, e novos surgem como o "bate-papo" com os amigos, jogos que envolvem grupos e em que a disputa é acirrada, ou ainda, os que abrangem a sexualidade e os esportes.

O brincar/jogar prossegue, pois, pela vida afora. E há os que consideram, como Freud, que a atividade literária do adulto é uma continuação e um substituto do jogo infantil. Ou seja, o escritor realiza o mesmo que a criança que brinca, cria um mundo de fantasia e emoção. Desse modo, jogar é uma forma de reajustar o mundo, como também a experiência literária é um modo de organizar as palavras em uma nova ordem.

Barthes ressalta esse jogo a propósito da literatura. Em *Aula*, por exemplo, afirma que "o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é instrumento, mas pelo *jogo de palavras de que ela é teatro*" (Barthes, 2000:16-7).

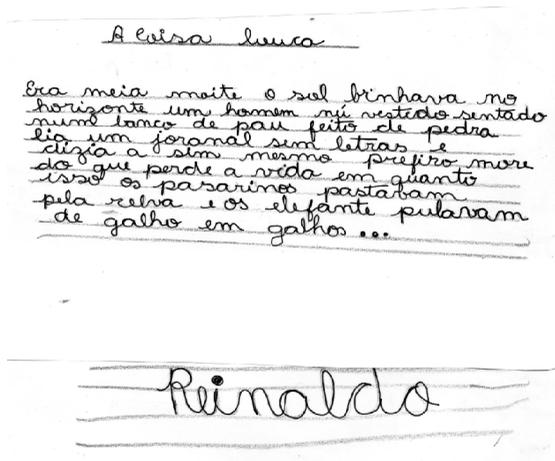
Penetrar nas letras de crianças e adolescentes é participar do jogo como um leitor-jogador, que pode jogar com o texto e também ser jogado por ele.

No Brasil, poucos pesquisadores se aventuraram a deslindar o universo da escrita infantil e juvenil. Entretanto, muitos teóricos estudam a literatura "para criança" e "para jovens" produzida por adultos e endereçada a esse público.

Em contrapartida, desejo evidenciar as experimentações e ensaios de escrita dos participantes do projeto de leitura, analisando poemas e pequenas narrativas infantis e/ou juvenis, tendo em vista elementos lúdicos que crianças e adolescentes imprimem na escrita.

Considerando que vários desses participantes do projeto apresentam problemas na aquisição da escrita ou não dominam o português padrão, e que uma fase de revisão dos textos produzidos foi planejada, mas não levada a cabo, pela necessidade de concluir nossa participação no *Projeto Guanabara*, optei por realizar uma espécie de tradução intralingual dos textos recolhidos.¹

Selecionei para a análise duas produções de crianças e duas de adolescentes. Então, vejamos o primeiro poema infantil:



A coisa louca

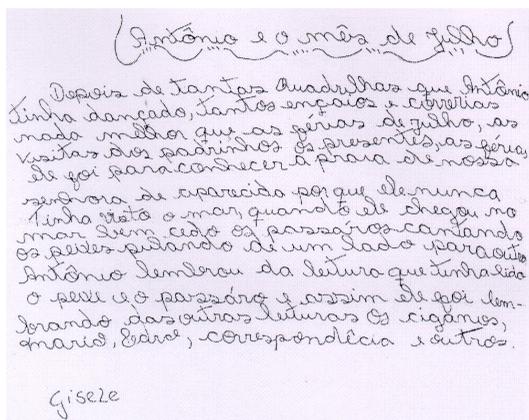
Era meia-noite o sol brilhava no horizonte um homem nu vestido sentado num banco de pau feito de pedra lia um jornal sem letras e dizia a si mesmo: prefiro morrer do que perder a vida enquanto isso os passarinhos pastavam pela relva e os elefantes pulavam de galho em galho...² (Reinaldo – 10 anos)

Esse poema foi produzido após exibição de um vídeo-poema de Arnaldo Antunes, intitulado "Cultura", e leitura de alguns fragmentos de *Lili inventa o mundo*, de Mário Quintana. Ambos os textos conceituam poeticamente objetos, animais, sentimentos, estados como: mentira, hipopótamo, coisa louca, sonho, girino, silêncio etc.

Trata-se de um afastamento da lógica linear das idéias e a aproximação de uma lógica do estranho, do incomum. Saliento que as estruturas *nonsenses* e os "disparates" mostrados no texto de Reinaldo orientam-nos, indicando que a escrita infantil faz-se a partir de um universo gramatical lúdico, de brincadeiras com a

imaginação. Como faz naturalmente na vida cotidiana, a criança, na escrita, também joga, mas com as palavras, construindo textos como se brincasse com jogos de armar. Tal como afirma Barthes, em *Aula*, ela trapaceia com a língua, trapaceia a língua.

A partir da leitura da obra *Indez* e de outros textos de Bartolomeu Campos Queirós, tivemos outro texto produzido. Eis a narrativa de Gisele:



Antônio e o mês de Julho

Depois de tantas Quadrilhas que Antônio tinha dançado, tantos ensaios e correrias, nada melhor que as férias de Julho, as visitas dos padrinhos, os presentes, as férias de pai para a Sincer a praia de Nossa Senhora Aparecida porque ele nunca tinha visto o mar, quando ele chegou ao mar bem cedo os pássaros cantando os peixes pulando de um lado para outro. Antônio lembrou da leitura que tinha lido o peixe e o pássaro e assim ele foi lembrando das outras leituras os ciganos, Mário, Pedro, correspondência e outros.

Gisele

Antônio e o mês de Julho

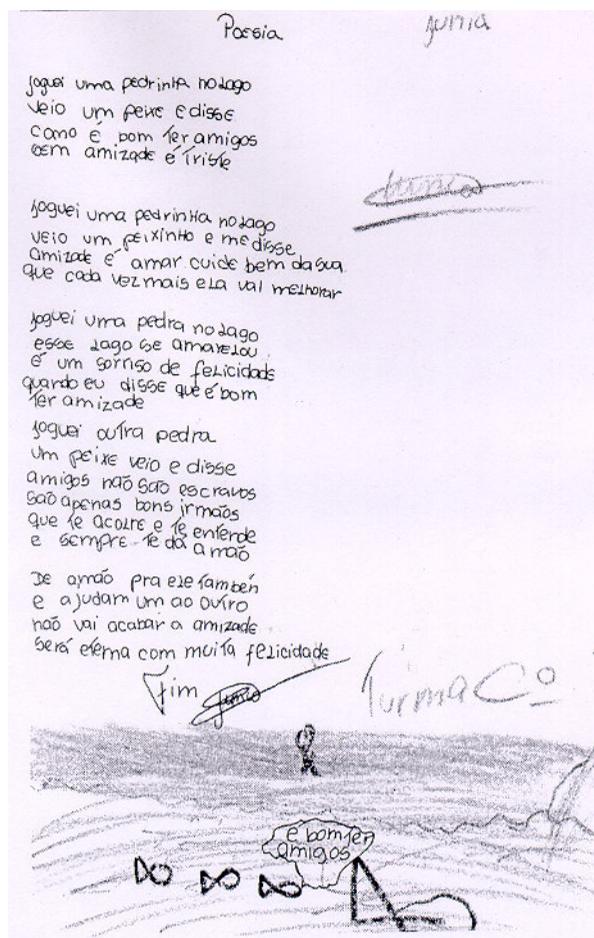
Depois de tantas Quadrilhas que Antônio tinha dançado, tantos ensaios e correrias, nada melhor que as férias de Julho, as visitas dos padrinhos, os presentes. Nas férias ele foi conhecer a praia de Nossa Senhora Aparecida porque ele nunca tinha visto o mar. Quando ele chegou ao mar, bem cedo, os pássaros cantando, os peixes pulando de um lado para outro, Antônio lembrou da leitura que tinha lido, o peixe e o pássaro, e assim foi lembrando de outras leituras, os ciganos, Mário, Pedro, correspondência e outros.

(Gisele – 10 anos)

A chegada de Antônio ao mar, na narrativa de Gisele, remete a uma outra obra do autor de *Ciganos* e *Indez*, lida anteriormente: *Mário*. O personagem Mário, como Antônio, queria alcançar o mar, buscando livrar-se dos sofrimentos, numa suspensão da agitação através da poesia ou da leitura. Mário, menino-poeta; Antônio, menino-leitor. Outro texto de Bartolomeu Campos Queirós que entra no jogo intertextual é *O peixe e o pássaro*: "[...] ele [Antônio] chegou ao mar bem cedo, os pássaros cantando, os peixes pulando de um lado para outro".

Vemos, pois, principalmente no término da pequena narrativa, a rede intertextual trançada pela criança: Antônio, através da imaginação, pensava nas outras obras que havia lido.

Em outra sessão de leitura, agora com adolescentes, foi lido o poema "Lira do amor romântico ou a eterna repetição" de Carlos Drummond de Andrade, e Júnia escreveu a seguinte leitura:



Poesia

Poesia

Joguei uma pedrinha no lago
veio o peixe e disse:
como é bom ter amigos
sem amizade é triste.

Joguei uma pedrinha no lago
veio um peixinho e me disse:
amizade é amar, cuide bem da sua
que cada vez ela vai melhorar.

Joguei uma pedra no lago
esse lago se amarelou
é um sorriso de felicidade
quando eu disse que é bom
ter amizade.

Joguei outra pedra
um peixe veio e disse:
amigos não são escravos
são apenas bons irmãos
que te acolhem e que te entendem,
e sempre te dão a mão.

Dê a mão pra ele também
e ajuda um ao outro,
não vai acabar a amizade
será eterna com muita felicidade.

(Júnia – 12 anos)

A repetição de "Joguei a pedrinha no lago" remete-nos à imagem da pedra caindo na água, formando um fluxo redondo e contínuo de ondas à sua volta. Por similitude, escutamos esse verso se repetindo como ondas sonoras ritmadas que ecoam no poema. Eduardo Asensio afirma que a repetição "caracteriza a poética popular e guarda um rastro de fórmula mágica ligada ao encanto" (Asensio *apud* Pelegrín, 1996:69; tradução minha). Ressalto, também, que "o repetir" faz parte dos jogos infantis (que se perpetuam, transformados, pela vida afora), como nos lembra Benjamin: segundo ele, a essência do brincar não é um "fazer como se", mas um "fazer sempre de novo", transformação da atividade lúdica em hábito (Benjamin, 1984:75).

Num dos encontros com os adolescentes, apresentei uma proposta um tanto "ousada": ler os dois capítulos iniciais de *Dom Casmurro*, "Do título" e "Do livro". Solicitei que escrevessem algo a partir do trecho lido. Surpreenderam-me as histórias que surgiram. Eis uma delas:

Dom Cascuca

Dom Cascuca é um sujeito inteligente
conquista as mulheres com seu charme irresistível.
Ia em festas nas quais fazia colocações

Uma vez em sua casa pequena no subúrbio
recebeu a visita de uma mulher misteriosa que
julgava dona de um cassino famoso o "Sânai"
que ficava na zona sul do Rio de Janeiro.

Ela contava sua história quando disse:

— Alguém está me roubando!

— Mas quem?

— Dize ele
— Não sei mas sei que estou sendo rou-

bada.

Ele pensou e perguntou:

— Você tem algum braço direito?

Ela respondeu.

— Sim Alfred.

— Ele é quem conta e coloca o dinheiro

no cofre.

— Pode ser ele.

Afirmou ele.

Jarbas Tuzmanza

capítulo 1

Dom Cascuca

Dom Cascuca é um sujeito inteligente.
Conquista as mulheres com um charme
irresistível. Ia em festas nas quais fazia
colocações.

Uma vez, em sua casa pequena no subúrbio,
recebeu a visita de uma mulher misteriosa
que julgava dona de um cassino famoso, o
"Ferrari", que ficava na zona sul do Rio de
Janeiro. Ela contava sua história quando
disse:

— Alguém está me roubando!

— Mas quem? disse ele.

— Não sei, mas sei que estou sendo roubada.

Ele pensou e perguntou:

— Você tem algum braço direito?

Ela respondeu:

— Sim, Alfred. Ele é quem conta e coloca o
dinheiro no cofre.

— Pode ser ele, afirmou.

Capítulo 1

(Jarbas – 13 anos)

Nesse texto, Jarbas, alterando o título de *Dom Casmurro* para "Dom Cascuca", revela a mudança de um tom sombrio e tristonho para um mais divertido, através da aliteração do "c" e do jogo das letras. A inclusão de "cuca" na formação do nome aponta para um elemento ligado ao universo infantil, uma vez que se trata de um personagem folclórico (Cuca) que aparece nos acalantos e é retomado por Monteiro Lobato nas histórias do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* e na adaptação televisiva da obra. Logo no início do pequeno relato, descreve-se "Dom Cascuca" como alguém inteligente e conquistador. Sabe-se que a narrativa *Dom Casmurro* é extremamente sedutora, uma vez que o narrador-escritor pretende persuadir o leitor da culpabilidade de Capitu. Ao que tudo indica, Jarbas apreendeu esse caráter sedutor da narrativa machadiana e o transferiu (jogou-o) para seu personagem, que "conquista as mulheres com um charme irresistível".

Nas atividades desenvolvidas no Projeto *Escrevendo a leitura*, o jogo se dava a partir da experiência literária das crianças e dos adolescentes, apresentando diversas formas. Primeiramente, podemos afirmar que os participantes começaram a perceber a leitura, a escrita-leitura, como um jogo a mais em suas vidas. Esse fato evidenciou-se principalmente quando eles começaram a frequentar livremente as sessões de leitura, porque desejavam participar desse tipo de jogo.

Além disso – e é o ponto fundamental deste trabalho – pude detectar em suas escritas jogos os mais diversos. Vemos, por exemplo, nos textos produzidos, vários elementos que colaboraram para instaurar o discurso lúdico: fuga ao estereótipo (desvios) através do *nonsense*, do disparate, do ilogismo, da adulteração de formas, de condensações; humor; invenção de novos nomes, que envolvem rearranjos, reordenações, deslocamentos de palavras; repetições expressivas; onomatopéias; personificação; reiterada intertextualidade; apelo ao leitor; presença constante de desenhos, num jogo entre a escrita e a imagem; diálogo entre letras, linhas, palavras, cores.

Percebemos, pois, nas produções infantis e juvenis, uma enorme capacidade de invenção e vimos que, quando se expõe esse público ao universo das palavras, de uma maneira que não se sinta obrigado a ler e escrever, a leitura/escrita flui com liberdade. Por fim, explicito a provocadora colocação de José Martí que pôde ser confirmada no decorrer da pesquisa: "As crianças sabem mais do que parece e, se deixássemos que escrevessem o que sabem, coisas muito boas escreveriam" (Martí, 1992:31; tradução minha).

**NOTAS:**

1. É importante lembrar que mesmo os adultos têm seus textos revisados no momento de uma publicação.
2. O quinto verso, "dizia a si mesmo: prefiro morrer" poderia ser também traduzido por: "dizia assim mesmo: prefiro morrer".

RESUMEN:

Este ensayo busca asegurar un espacio para la reflexión sobre la escritura de niños y adolescentes. Al considerar los elementos lúdicos como de intensa relevancia en el universo infantil y juvenil y las proposiciones de Roland Barthes sobre el juego de la lectura y de la escritura y sobre todo, sobre la "escenificación" del lenguaje, los textos serán analizados teniendo en vista el juego en la escritura.

PALABRAS-CLAVE: niño, adolescente, juego, literatura, escritura, lectura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BARTHES, Roland. *Aula*. 9. ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Brinquedos e jogos. In: Benjamin, Walter. *Reflexões: a criança o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984. p. 71-75.
- MARTÍ, José. *La edad de oro*. Fondo de Cultura Económico: México, 1992.
- PELEGRÍN, Ana. *La flor de la maravilla: juegos recreos retahílas*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1996.
- PERES, Ana Maria Clark. *Projeto de extensão: escrevendo a leitura*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1997.